

A CIDADE E A MODERNIDADE

Luiz Antonio da Costa Pereira¹

RESUMO: A essência desse trabalho está fundamentada num resgate teórico de Anthony Giddens e David Harvey sobre o tema modernidade. Certamente que qualquer enfoque de análise de um tema tão complexo quanto o da modernidade, mesmo que apoiado por autores inovadores e de sólida formação profissional, traz alguns problemas relacionados à sua focalização considerando a necessidade da abordagem integrada das várias disciplinas das ciências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Cidade; Desenvolvimento; Sociedade; Natureza.

ABSTRACT: The essence of that work is based in a theoretical ransom of Anthony Giddens and David Harvey about the theme modernity. Certainly that any focus of analysis of a theme as complex as the one of the modernity, even if leaning for innovative authors and of solid professional formation, he/she brings some problems related to your focalização considering the need of the integrated approach of the several disciplines of the social sciences.

KEYWORD: Modernity; City; Development; Society; Nature.

“A Solidariedade Para Com As Aflições Dos Oprimidos É Integral A Todas As Formas De Política Emancipatória, Mas Alcançar As Metas Envolvidas Depende Com Frequência Da Intervenção Da Influência Dos Privilegiados.” Anthony Giddens

Introdução

¹ Geólogo da CPRM - Serviço Geológico do Brasil e mestrando no curso de Desenvolvimento Regional da Universidade Federal de Rondônia

Naquilo que tem sido mais visível para as pessoas quando se fala em modernidade, ou seja os resultados do que poderia atribuir-se como progresso ou desenvolvimento da humanidade focaliza-se a compreensão genérica desse tema. Se considerarmos todos os avanços científicos e tecnológicos obtidos desde priscas eras - com a instituição e acentuamento da razão instrumental – até nossos dias estaríamos falando da modernização que é representada por processos característicos operados no ambiente da modernidade. Assim, por exemplo, tivemos a modernização das artes até o estágio de indústria cultural, a modernização da urbanização, da agricultura, da educação, enfim da indústria como um todo, tudo isso sendo amplamente suportado pela inovação tecnológica num contexto sócio-econômico e político definido e estabelecido.

O quadro mais abrangente da modernidade é suportado pelas dimensões do capitalismo, do industrialismo, da vigilância e do poder militar, isto configurando uma estruturação social, econômica e política inicialmente surgida na Europa e que depois influenciou outras regiões mundiais. A modernidade incorporou características de descontinuidade em relação às ordens sociais tradicionais, como a velocidade intensa do ritmo de mudança, um escopo de mudança global e a natureza intrínseca das instituições modernas; por exemplo as cidades atuais apesar de herdarem a localização das cidades tradicionais baseiam-se num urbanismo totalmente diferente do tradicional. Outros exemplos de formas sociais modernas, como o estado-nação, dependência de fontes de energia inanimadas e transformação em mercadoria de produtos e trabalho assalariado não têm precedentes históricos.²

Por ser um dos representantes principais da modernização, considerando que abrigam alguns bilhões de pessoas, os assentamentos urbanos ou cidades tem sido palco de variadas e contínuas expressões humanas colocadas no ambiente da modernidade. O ambiente urbano e social é moldado pelo homem que deles recebe importantes reflexos que vão impressionar sua visão de mundo fazendo-a estar em constante mudança e criando perspectiva nesses ciclos interativos de transformações de uma melhor adaptabilidade à sua existência. Baseados nisso pensamos que esse espaço físico e social é determinante, por aquelas próprias características intrínsecas, para o surgimento de novas ordens sociais.

² Cf. Anthony GIDDENS, *As Conseqüências da Modernidade*, p. 11, 15, 16 e 65.

A moderna sociologia tem se preocupado estreitamente com as relações sociais e produtivas, tendo em muito contribuído para aclarar o debate acerca dessas relações. Os autores referidos no presente trabalho têm feito profundas e abrangentes análises acerca de variados aspectos da modernidade e da modernização, do desenvolvimento mundial e da globalização, no sentido de compreender as implicações de todos esses processos sociais, políticos e econômicos que possam vir a conduzir algum dia, a transformações mais plausíveis do que as atuais ou que pelo menos contenham indicações de uma maior dignificação da condição humana.

Procuramos abordar algumas formas de aspectos da modernidade que entendemos estar relacionadas entre si e contidas dentro do ambiente de modernidade. Assim, foram descritas e analisadas quatro hipóteses: A Cidade como Expressão de Liberdade e de Libertação, A Tragédia do Desenvolvimento e a Transformação do Espaço, O Desenvolvimento e o Sonho e A Cidade e a Exclusão Social. Ao final procuramos extrair o que de mais essencial e inovador resultou dessa pesquisa e que possa contribuir para o estabelecimento de uma situação sócio-econômica e política mais satisfatória do que a atual.

A cidade como expressão de liberdade e de libertação

Uma das grandes expressões de modernidade ao longo da história está representada pela cidade – entendida aqui como um espaço social, econômico e territorial, transformado em sua originalidade, onde se dá toda a dinâmica interativa dos agentes presentes desse espaço. Inserida no contexto de modernidade - representado institucionalmente pelos capitalismo e industrialismo, pela vigilância e pelo poder militar³ a cidade é um significativo símbolo cultural da sociedade humana. Plena daqueles ingredientes que a definem e suportada por essas componentes institucionais exerce certo fascínio sobre as pessoas atraindo-as para si, para o mundo urbano, para as luzes e para as cores.

A componente econômica têm indubitável poder atrativo conquanto presente no meio sócio-econômico cidade, representando as capacidades dos meios de produção e as oportunidades de interação com as forças sociais produtivas. Essa

³ *Ibid.*, p. 65.

necessária e presente simbiose entre meios de produção e força produtiva social propicia a criação de produtos e serviços para o atendimento de diversas necessidades dos grupos sociais; alguns desses produtos e serviços são realmente essenciais e necessários outros nem tanto. O ato de produzir, de trabalhar de integrar-se ao grupo social, espacial e temporalmente está bastante patente na cidade, que é veloz e intensa. Absolutamente não é nossa intenção aqui estabelecer qualquer comparação ou contraposição que possa existir com os espaços sociais e econômicos das áreas rurais, pretendendo apenas fazer algumas considerações e interpretações pessoais acerca do meio urbano no contexto da modernidade.

Certo que além do aspecto econômico produtivo também estão presentes na cidade os meios de controle social representados pelo controle da informação e supervisão social e pelo controle dos meios de violência no contexto da industrialização da guerra⁴, acreditamos que esse ambiente social de certa forma seguro também tem poder de mover pessoas para a cidade e mantê-las lá. A conjugação de todos esse fatores no contexto da modernidade certamente propiciam e propiciaram crescimento econômico a várias regiões urbanas - crescimento econômico este calcado mais fundamentalmente no conhecimento científico e na tecnologia. Apesar desse enriquecimento social, cultural e econômico do mundo e das cidades mais particularmente, nem todos os grupos sociais são beneficiados, mas isso abordaremos mais à frente.

Por agora o que gostaríamos de abordar é, porquê, além dos aspectos sócio-econômicos referidos as pessoas ou os grupos sociais, ou mais ousadamente, porquê cada indivíduo, ou a maioria desses vive na cidade ou quer viver na cidade? Isso vai um tanto além do significado social e econômico da cidade.

Além das luzes e cores luminosas, da miscelânea de tipos de gente, dos automóveis, dos edifícios, das casas, das avenidas, das praças, dos jardins, dos pedaços de céu e de natureza restantes, do conjunto que forma o espaço urbano, ainda há mais de sedução da cidade sobre o homem. A imaginação presente em cada um de nós, tendo surgido na cidade ou afluído para ela, é construída desde o que se vê e desde o que se ouve. A partir de nossas percepções sensoriais já providas de discernimento racional e da atávica programação cultural⁵ relativas ao

⁴ *Ibid.*, p. 65.

⁵ Cf. Clifford GEERTZ, *A interpretação das culturas*, p. 56.

ambiente em que nos inserimos seja ele representado pelos meios social, sócio-econômico ou físico é que vamos nos situar social e emocionalmente.

A enormidade de informações recebidas do ambiente, após internalizadas e processadas nos permite criar nossa interpretação pessoal acerca desse meio ambiente, nossa visão do mundo, nossa visão da cidade. O sentir do homem o impacto da natureza sobre ele o posiciona nos diversos cenários naturais e em outros menos naturais. O sentir de tudo a imaginação de tudo a percepção de todo o ambiente natural, de todo o ambiente construído, as imagens, tudo toma forma e se posiciona, o homem toma forma e se posiciona, o ambiente envolve tudo, o ambiente é tudo, o homem está imerso no ambiente, a existência está presente, enorme, a vida é real. O sonho do homem e a realidade da cidade estão presentes, o sonho da cidade e a realidade do homem estão presentes, cada um existe e é moldado ao outro.

A cidade é vasta, heterogênea, criada na imaginação do homem, ela existe e é real ela está imersa nele ele está imerso nela. Ela não é resultado de planejamento racional, é um 'empório de estilos' com a hierarquia e a homogeneidade em dissolução. Aparenta ser um teatro com os moradores representando uma multiplicidade de papéis.⁶ A cidade é como um ..."labirinto com redes tão diversas de interação social orientadas para metas tão diversas (...) sem nenhuma relação entre si, nenhum esquema determinante, racional ou econômico."⁷ A expressão de liberdade sentida pelo homem urbano se forma em estar perdido num grande mundo social, a cidade, onde as pessoas não se conhecem, ele está livre, sem estar sozinho, é individual imerso no todo.

O homem na cidade modela e é modelado, muda e é mudado, sente a liberdade e se identifica, os cenários se alternam, as imagens mudam, tudo é dinâmico, plástico. A arte está presente nessa interação, ... 'a suave cidade da ilusão, do mito, da aspiração, do pesadelo, é tão real, e talvez mais real, quanto a cidade dura (...) nos mapas e estatísticas, nas monografias de sociologia urbana'⁸ ... Em oposição ao papel libertador da cidade está a violência associada à dissolução

⁶ Cf. Jonathan RABAN Apud David HARVEY, *Condição Pós-Moderna*, p.15.

⁷ *Ibid.*, p. 15.

⁸ *Ibid.*, p. 17.

da vida social no caso (sic!) absoluto, oriundo de errôneas interpretações da vida urbana.⁹

‘Sinais, estilos, sistemas de comunicação rápida altamente convencionalizada são o sangue vital da cidade grande. É quando esses sistemas entram em colapso – quando perdemos o nosso domínio da gramática da vida urbana – que a [violência] assume o controle. A cidade, nossa grande forma moderna, é suave, acessível à estonteante e libidinosa variedade de vidas, de sonhos, de interpretações. Mas as próprias qualidades plásticas que fazem da grande cidade o liberador da identidade humana também a tornam especialmente vulnerável à psicose e ao pesadelo totalitário.’¹⁰

A tragédia do desenvolvimento e a transformação do espaço

No contexto da modernidade a atuação humana na transformação do espaço natural, do meio ambiente intocado, está relacionada à sua acomodação e subsistência. Necessitando de moradia e alimentos o homem perscruta a oferta ambiental disponível para seu suprimento básico. Assim, esse patrimônio composto de recursos naturais físicos e biológicos é utilizado em benefício do homem, para a produção de bens primários, para a criação de ambientes construídos – as áreas urbanas e as áreas rurais; impulsionado pelo crescimento de sua própria reprodução, uma expressiva multiplicação ao longo da história, o homem buscou a geração de novos espaços sociais com a ocupação intensa e extensa de variados conjuntos de espaços físicos. Naturalmente essa pressão exercida sobre a oferta ambiental, transformava o seu modelado natural e a sua caracterização intrínseca na medida da força imprimida, resultando proporcionalmente em variados estágios degradativos. Ao homem cabia essa tarefa de utilização e transformação do meio ambiente, que também de alguma forma o afetava com maior ou menor profundidade interior.

Diante da realidade percebida no ambiente e partícipe e integrante deste, o homem, iniciou a operar numa linha evolutiva que se configurava com o seu próprio desenvolvimento biológico e cultural,¹¹ passando a criar outras necessidades de subsistência bem diferentes daquelas iniciais como o fogo, a água e a caverna. Envolvido no trânsito dessa linearidade evolutiva, necessitou de diferentes tipos de edificações para sua proteção e as construiu, desenvolveu novos tipos de alimentos,

⁹ *Ibid.*, p. 17.

¹⁰ *Ibid.*, p. 18.

¹¹ Cf. Clifford GEERTZ, *A Interpretação das Culturas*, p. 58.

criou as tecnologias para a produção de variados bens conforme evoluía culturalmente; as tecnologias de transportes e de comunicações foram fundamentais para a consolidação do conhecimento pelo homem de toda a superfície terrestre, dos fundos dos oceanos e da atmosfera, sem falarmos na navegação pelo espaço sideral. Todos os processos de modernização se exacerbaram fundamentados na extrema racionalização se propondo ... 'que as artes e as ciências iriam promover não somente o controle das forças naturais como também a compreensão do mundo e do eu, o progresso moral, a justiça das instituições e até a felicidade dos seres humanos.'¹² Envolto a tráfegar nesse conflito intelectual de condução do seu destino o homem busca situar-se dentro da modernidade, transformando e se transformando perplexo ante a gama de possibilidades de sua continuidade existencial.

A exacerbação referida já em muito adiante do longínquo valor de troca de mercadorias, possibilitou a monetização da força transformadora do homem, acentuando em consequência a sua interferência no patrimônio ambiental natural, para além da satisfação de suas necessidades básicas. Estabeleceu-se o modelo de acumulação de capital, sujeitando a todos e ao ambiente natural, estarem aprisionados à criação de novas e mais novas necessidades humanas que propiciam, certo, transformações, no entanto com o propósito focalizado na acumulação monetária.¹³ Ocorre uma negação, pela burguesia, da objetividade (meio natural acessível às pessoas) da realidade em favor da subjetividade, ou seja, a apropriação dos meios de produção visando a acumulação, contrariamente ao bem-estar humano.¹⁴

Parece que o próprio processo de desenvolvimento, na medida em que transforma o deserto num espaço social e físico vicejante, recria o deserto no interior do próprio agente de desenvolvimento. Assim funciona a tragédia do desenvolvimento.¹⁵

Em sua angustiada busca o homem procura compreender como deve conduzir sua transformação e a do ambiente, como se relacionar com este, como produzir essa interação. Na tentativa de compreender essa efemeridade deve estar

¹² HABERMAS Apud David HARVEY, *Condição Pós-Moderna*, p. 23.

¹³ Cf. Robert KURZ, *O Colapso da Modernização*, *passim*.

¹⁴ Cf. Carlos SANTOS, *Anotações de Aula*.

¹⁵ BERMAN Apud David HAVEY, *Condição Pós-Moderna*, p. 26.

considerado a forma como o poder flui através da estruturação espacial, permitindo-nos identificar a trama da prevalência e a hegemonia do sistema sócio-econômico e político vigente.¹⁶

O DESENVOLVIMENTO E O SONHO

Em decorrência da posição predominante do sistema sócio-econômico e político atual, cuja lógica e essência é a da acumulação, aqueles que estiverem melhores preparados para se adequar a esse modelo, competir nesse modelo, certamente estarão usufruindo de boas condições materiais de subsistência e de maior dignidade de vida. Se ampliarmos essa visão para além da cidade, da região, veremos que o panorama econômico mundial se reproduz dessa mesma forma. Determinado conjunto de países industrializados detêm o conhecimento, o poder do conhecimento científico, além dos meios de produção e isto os faz avançar cada vez mais em seu crescimento econômico, e em conseqüência aumenta a defasagem em relação aos países menos industrializados. Qualquer competidor para participar de um jogo econômico, social e político de tamanhas proporções deve estar razoavelmente preparado, sob risco de se encontrar em sérias dificuldades e ter sua sobrevivência ameaçada.

Levando em conta aquelas dimensões institucionais da modernidade, já referidas, quais sejam o industrialismo, o capitalismo, o poder militar e a vigilância, certo é que ocorreu o desenvolvimento econômico em algumas regiões mundiais – relacionado direta e proporcionalmente, claro, ao poder político dessas regiões e à sua inserção no jogo de forças internacionais. Desde os primórdios das políticas de força e de domínio, utilizadas por vários governos para subjugar e sobrepujar outras regiões, passando pelas políticas de colonização, e até pelas formas mais primitivas de cooperação entre as nações, sempre se colocou em lugar de destaque, a consecução de uma realização prioritária, qual seja a acumulação de riqueza material. Cabe aqui considerar que em decorrência dessa busca de riqueza o desenvolvimento humano em seu sentido material mais amplo foi certamente beneficiado em boa parte de suas necessidades básicas. As condições de sobrevivência humana obtiveram melhorias significativas nos segmentos de saúde,

¹⁶ *Ibid.*, *Anotações de Aula.*

moradia, educação, alimentação, transportes e comunicações, digamos num primeiro pulso de desenvolvimento no contexto da modernidade. Hoje, numa segunda fase diríamos que em muito essas condições podem ser melhoradas com a incorporação de políticas ambientais que considerem a proteção e conservação do meio ambiente, incluindo aqui o homem, parte indescutível desse ambiente; além dessas as recentes conquistas da biologia – particularmente da genética; da medicina, da cosmologia, da computação; tudo isso certamente continuará contribuindo para a melhoria da qualidade de vida humana.

Apesar dos benefícios advindos para a humanidade, o resultado desse modelo que privilegia a acumulação de riqueza enquanto tenta concentrar forte crescimento nos países detentores de maior poder político, direcionando apenas um desenvolvimento residual para os mais fracos, concentrando pouca energia para um desenvolvimento humano integral e amplo, já nos parece um tanto desgastado, pois traz implícita a permanente marginalização daqueles que não estão dotados das condições de competitividade para integrarem esse sistema. Diante disso elevado número de contingente humano apenas observa com perplexidade, enquanto pode, a intensificação do consumismo fundamentada pela venda de ilusão de felicidade da imagem e do sonho.

A aceleração do tempo de giro para a superação dos problemas com o fordismo-keynesianismo criou a necessidade da denominada produção da volatilidade – principalmente serviços de curta duração e produtos de rápida obsolescência - apoiando-se na manipulação do gosto e opinião da sociedade. Ocorre aqui o papel fundamental dessa manipulação, sendo executado pelos criadores e veiculadores de imagens de toda a natureza, também essas com curtíssimo período de vida, abastecendo e bombardeando os potenciais consumidores. Constroem-se imagens de mercadorias, de pessoas, de serviços, de instituições associadas à referência direta ao dinheiro, ao sexo e ao poder. Disso decorre a mercadificação das imagens mais efêmeras favorecendo mais ainda a mentalidade da superacumulação.¹⁷ Aos excluídos da farra consumista representada pelas imagens de sonho e felicidade, resta o vazio da perplexidade e da indignação e o sonho com o desenvolvimento; até quando?

¹⁷ Cf. David HARVEY, *Condição Pós-Moderna*, p. 257 a 261.

Vivemos no mundo econômico no mundo do consumismo onde o poder do capitalismo é totalizado, onde os cidadãos são destituídos de toda a espontaneidade, mantendo-se governados pelos parâmetros econômicos. Toda a sociedade está numa corrida acelerada de acumulação e concentração de capital.¹⁸ Num sistema dessa natureza o desenvolvimento e a prosperidade estarão afastados dos países miseráveis, ficando caracterizada sua falência (do sistema) e mais a da subjetividade burguesa do dinheiro, isto porque tendo superado os seus limites de produtividade não consegue incorporar à sua lógica a maioria da população mundial.¹⁹

Mas para que a crise da forma-mercadoria possa entrar na consciência da sociedade, fazendo com que se desvançam as últimas ilusões, é mister haver outro perdedor, [além do socialismo], o último, este somente pode ser o Ocidente, o criador do capitalismo, que morrerá asfixiado por seus próprios triunfos.”

A cidade e a exclusão social

O sonho dos cenários mutantes da cidade do modelado da cidade impressos e projetados pelo homem e que servem de condutor e motivador de sua liberdade e libertação, têm um papel reabastecedor e de esperança capaz de sinalizar para algum tipo de transformação ainda indefinida. Entretanto, saindo um pouco dessa interioridade, há que se encarar a dureza da necessidade da realização da sua subsistência. Num contexto de realidade concreta o homem necessita de uma adaptação cultural, ao longo dos seus primeiros anos de vida, ao sistema social e econômico predominante – capitalismo - para assim compreender em que tipo de cenário está situado e quais são as regras do jogo prevalecente. Considerando que esta é uma apreensão não tão difícil, compreenderá desde cedo, que nesse sistema sócio-econômico hegemônico só terá algum significado se se dispuser a obter moeda para que possa trocar por serviços e produtos para o atendimento de suas necessidades de sobrevivência. Para isso terá que se investir de alguma habilidade que o qualifique perante o mercado, trocando o valor desse conhecimento por outros valores materiais, para então estar incluído como cidadão consumidor e participante ativo do mercado. Caso umas ou várias, ou milhares ou milhões de pessoas não

¹⁸ Cf. Robert KURZ, *Totalitarismo Econômico*, p. 9.

¹⁹ Cf. Robert KURZ, *O Colapso da Modernização*, p. 197.

conseguirem se inserir no sistema de trocas econômicas vigentes, estarão direcionadas à marginalização e com sérias dificuldades de sobrevivência.

Num contexto de radicalização da modernidade o que poderia vir depois disto, algo como uma nova ordem diferente, 'pós-moderna' ainda não está bem claro.²⁰ Os fatos mostram que cada vez menos pessoas têm oportunidades de trabalho devido à conjugação da aplicação de novas tecnologias e do incremento contínuo dos índices de produtividade, o que poderia resultar em fortes pressões sociais por demandas de dignidade de sobrevivência. Requer-se mais e mais especialização de conhecimentos, superespecialização para atuação num mercado altamente competitivo. Criadas as condições para a globalização suportada fundamentalmente pelo distanciamento tempo-espaco propiciando o alongamento entre as relações de diferentes regiões, essa traz a influência para os fatos locais de acontecimentos muito distantes dali; considerado dessa forma na intrincada estrutura econômica mundial o enriquecimento de determinada cidade pode estar relacionado ao empobrecimento de uma outra cidade.²¹ O agravamento de tal situação pode ser continuado com a vigência do modelo sócio-econômico e político acumulativo que conduziu ao fim do trabalho tradicional e fortaleceu o trabalho abstrato²² possibilitando dessa forma que mais se acentue a exclusão social, dificultando a criação de um modelo de desenvolvimento que leve em conta a massa social marginalizada e distante da riqueza do mundo.

Para a superação de tamanho problema, já que nos parece verdadeira afronta a degradação de bilhões de seres humanos, ao passo que se mantém continuamente o modelo de acumulação de renda dominado por seus "iguais", seria interessante a aplicação de modelos com maior justiça social. Acreditamos que um modelo extremamente interessante é o do realismo utópico, se caracterizando pela Política da Vida (políticas de auto-realização), Política Emancipatória (política de desigualdade), Politização do Local e Politização do Global vinculadas entre si contemplando -... "a influência germinante das relações globalizadas."²³ Ainda nesse mesmo modelo são considerados a importância da atuação de outros movimentos sociais além dos trabalhistas, como os movimentos de liberdade de expressão/movimentos democráticos, movimentos pacifistas e movimentos

²⁰ Cf. Anthony GIDDENS, *As Conseqüências da Modernidade*, p. 13.

²¹ Cf. *Ibid.*, p. 69 e 70.

²² Cf. Robert KURZ, *O Colapso da Modernização*, p. 239 e 240.

²³ Cf. Anthony GIDDENS, *As Conseqüências da Modernidade*, p. 155, 156 e 157.

ecológicos.²⁴ Para o estabelecimento de uma ordem que tenha contornos de pós-modernidade, estão implícitas as dimensões da Participação democrática de múltiplas camadas, um Sistema pós-escassez, a Desmilitarização e a Humanização da Tecnologia. No sistema pós-escassez seriam requeridas mudanças nos modos de vida social, modificando-se as expectativas de crescimento econômico, com redistribuição global da riqueza.²⁵

Há certas provas de que muitas pessoas nos estados economicamente avançados vivenciam uma 'fadiga do desenvolvimento' e também de uma consciência geral de que o crescimento econômico continuado não vale a pena, a menos que melhore ativamente a qualidade de vida da maioria.²⁶

As dimensões daquele Sistema pós-escassez envolveriam uma Ordem global coordenada, um Sistema de cuidado planetário, uma Organização econômica socializada além da Transcendência da guerra. A direção do futuro é incerta e desconhecida e a função desse modelo é trazer impacto à discussão enquanto se atravessa ... “o período provisório, cheio de riscos de alta-conseqüência: Crescimento de poder totalitário, Colapso dos mecanismos de crescimento econômico, Conflito nuclear ou guerra de grande escala e Deterioração ou desastre ecológico.”²⁷

Conclusão

Atualmente posicionada numa situação social altamente complexa de variados ingredientes culturais, políticos e econômicos a humanidade tem claramente configurado para si mesma - cremos pelo menos parte dela - a importância da condução de sua permanência e destinação nesse planeta. Conforme o tipo de opção desenhado poderão ser vislumbrados resultados disseminados lenta e parcimoniosamente sobre os conjuntos sociais, mas nem por isso menos intensos e profundos. O diagnóstico atual está esboçando quadros de variados e difusos descontentamentos sociais em propagação, que vez por outra

²⁴ *Ibid.*, p.158 e 159.

²⁵ *Ibid.*, p. 162 a 165.

²⁶ *Ibid.*, p. 165.

²⁷ *Ibid.*, p. 166 e 170.

são minimizados ou sufocados, mas que tornam a ressurgir aqui e acolá, por absoluta falta de alternativas. Certo que culturalmente poder-se-ia aguardar que boa parte dos grupos sociais aceitasse estar alijado da dignidade material de existência no mundo, esses os pobres e excluídos, ao passo que outros os detentores do poder político se arvorem em exhibir hereditários direitos adquiridos, sabe-se lá a que preços, auto-proclamando-se donos da riqueza do mundo. Cremos que para tal assertiva não haja mais sustentação cultural.

Para o desenho da situação social atual de clara dominação política por parte de poderosos grupos econômicos e militares o espaço de participação deve ser reduzido, considerando a insuportabilidade do grau a que chegou o descaso e a indiferença aos desprovidos de capital. Aliado a isso a pressão sobre recursos ambientais que visa somente a acumulação de renda financeira deve ser também diminuída, em se considerando o consumo desenfreado desses recursos sem próximas alternativas definidas. A racionalização de todo o intrincado social e político em que está metida a humanidade não poderá prescindir de todo o conhecimento científico responsável, sensível à gravidade dessa situação. Nesse aspecto, até agora a ciência tem falhado na definição de propostas que contribuam para a dignidade de existência dos habitantes do planeta, ou talvez tenha sido envolvida de forma a não poder assim se manifestar.

A opção trazida para a discussão é a que passe pelo estabelecimento da nova ordem já referida aqui nesse trabalho, qual seja aquela que contemple as políticas de valorização da vida, as políticas emancipatórias, a politização do local e a politização do global; a participação democrática, a humanização da tecnologia, a desmilitarização e o sistema pós-escassez; o que conduziria conforme o modelo, a uma ordem global coordenada, a um sistema de cuidado planetário, a uma organização econômica socializada e à transcendência da guerra. Ou decidimos a trabalhar as possíveis alternativas de desenvolvimento para todos ou optemos a enfrentar os riscos de alta-conseqüência: o crescimento do poder totalitário, a deterioração ou desastre ecológico, o colapso do crescimento econômico e o conflito nuclear ou guerra de grande escala.²⁸

Mas há limites intrínsecos aos recursos disponíveis para acumulação indefinida, e as “exterioridades” que os mercados ou não tocam ou influenciam

²⁸ *Ibid.*, p. 157 a 171.

adversamente – tais como as aborrecidas desigualdades globais – podem revelar implicações socialmente explosivas.²⁹

Referências Bibliográficas

- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 323 p.
GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991. 177 p.
HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as origens da Mudança Cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1993. 349 p.
KURZ, R. *O Colapso da Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 243 p.

Bibliografia consultada

- AZEVEDO, I.B. de. *O prazer da produção científica; diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. 2.ed. Piracicaba: UNIMEP, 1993. 159p.
SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2000. 279 p.

²⁹ *Ibid.*, p. 171.